



UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS
CENTRO DE CIÊNCIAS INTEGRADAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Míria Silva Paiva

Lesbofobia e Identidades de mulheres lésbicas egressas da UFNT.

Araguaína – TO

2026

Míria Silva Paiva

Lesbofobia e Identidades de mulheres lésbicas egressas da UFNT

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
UFNT – Universidade Federal do Norte do
Tocantins - Câmpus Universitário de Araguaína.
Curso de Graduação em História
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Olívia Macedo Miranda
de Medeiros.

Araguaína – TO

2026

S586l Silva Paiva , Míria .

Lesbofobia e Identidades de mulheres lésbicas egressas da UFNT. / Míria Silva Paiva . - Centro de Ciências Integradas - CCI, TO, 2026.

28 f.

Artigo de Graduação (Graduação - em História) -- Universidade Federal do Norte do Tocantins, 2026.

Orientadora: Olivia Macedo Miranda de Medeiros.

1. Lesbianidades. 2. Lesbofobia. 3. Identidade.

CDD 901

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

MIRIA SILVA PAIVA

**Lesbofobia e Identidades de mulheres lésbicas egressas da
UFNT.**

Trabalho de conclusão de curso na modalidade artigo científico apresentado à Universidade Federal do Norte do Tocantins, Centro de Ciências Integradas, Colegiado de História. Foi avaliado(a) para obtenção do título de licenciada em História e aprovado em sua versão final pela orientadora e pela banca examinadora.

Aprovado em: ____ de fevereiro de 2026.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dr.^a Olívia Macedo Miranda de Medeiros – Orientadora
Universidade Federal do Norte do Tocantins – UFNT

Prof. Dr. Euclides Antunes de Medeiros – 1^a Examinador
Universidade Federal do Norte do Tocantins – UFNT

Profa. Dr.^a Sariza de Oliveira Caetano Venâncio – 2^o Examinadora
Universidade Federal do Norte do Tocantins – UFNT

Resumo

Esta pesquisa analisa as experiências de mulheres lésbicas por meio da Metodologia da História Oral (Portelli, 1997), com procedimentos de história de vida, buscando compreender como se constroem suas identidades e como enfrentam a lesbofobia em diferentes contextos sociais e familiares. As narrativas de Nathalia Évora, Ismênia Fenelon e Ana Rosa Carvalho revelam trajetórias singulares, mas atravessadas por pontos de convergência, como a violência simbólica, a heterossexualidade compulsória e a invisibilidade das lesbianidades. A infância aparece como momento de tensão entre vivências pessoais e o olhar social, evidenciando como a performatividade de gênero (Butler, 2003) e os discursos normativos moldam a autoimagem lésbica. A ausência de representações positivas, apontada por Hall (2016) e Portinari (1989), reforça o apagamento histórico, enquanto a fetichização da lesbianidade, discutida por Navarro-Swain (2000), revela a persistência da misoginia e da dominação masculina (Bourdieu, 1999). Ao mesmo tempo, as narrativas mostram resistência e afirmação identitária, indicando que as lesbianidades são vividas como prática de subversão e de construção de novas formas de visibilidade.

Palavras - chave; lesbianidades; lesbofobia; identidade; violência simbólica; heterossexualidade compulsória.

Abstract

This research analyzes the experiences of lesbian women through the Oral History Methodology (Portelli, 1997), using life history procedures, seeking to understand how their identities are constructed and how they confront lesbophobia in different social and family contexts. The narratives of Nathalia Évora, Ismênia Fenelon, and Ana Rosa Carvalho reveal unique trajectories, but traversed by points of convergence, such as symbolic violence, compulsory heterosexuality, and the invisibility of lesbian identities. Childhood appears as a moment of tension between personal experiences and the social gaze, highlighting how gender performativity (Butler, 2003) and normative discourses shape the lesbian self-image. The absence of positive representations, pointed out by Hall (2016) and Portinari (1989), reinforces historical erasure, while the fetishization of lesbianism, discussed by Navarro-Swain (2000), reveals the persistence of misogyny and male domination (Bourdieu, 1999). At the same time, the narratives show resistance and identity affirmation, indicating that lesbianism is experienced as a practice of subversion and the construction of new forms of visibility.

Keywords: lesbianism; lesbophobia; identity; symbolic violence; compulsory heterosexuality.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente minha querida mãe, apelidada carinhosamente de Professora Raimundinha, que é minha maior inspiração para seguir o caminho da docência, me ensinou tudo que sei sobre a vida, e principalmente sobre o amor. Me deu colo, amor, carinho, cuidado, incentivos e broncas quando necessário, posso afirmar com toda certeza do mundo que somos melhores amigas e que sempre terei com quem contar. Te amo Raimundinha, obrigada por tudo. Ao meu pai, sou muito grata por todo seu esforço, cuidado e incentivo, pois todas as vezes que apareceram obstáculos durante todos esses 4 anos de graduação, ele fez questão de dar um jeito de me levar até a universidade, de me esperar assistir para levar de volta pra casa, mesmo cansado de trabalhar o dia inteiro, não terminou o ensino médio por dificuldades da vida, mas fez de tudo, para que eu e meus irmãos pudessem estudar sem se preocupar com mais nada, amo muito você Jonas Paiva.

A minha querida irmã, Raquel Paiva, me faltam palavras para agradecer tamanho incentivo, me acolheu quando precisou, me deu broncas nas correções de trabalho, me cuidou e me amou muito em toda minha vida, obrigada por tudo, te amo infinitamente. Meu irmão, Mykel Paiva, que me ensinou a me defender, brincando de “lutinha” a infância inteira, mesmo sendo 7 anos mais velho que eu, me fez ser mais forte e a enfrentar qualquer desafio, te amo muito. A minha amada Cindy, que está ao meu lado, que chegou em meio à graduação, mas que se faz presente todos os dias, com muito amor e carinho. Amo muito você meu bem.

A graduação não teria sido tão leve se não houvesse meus amigos ao meu lado, Gabriela Campos, que se tornou minha melhor amiga, que confio de olhos fechados, as minhas amigas Itainara Rodrigues e Evellyn Coelho, cada uma com seu jeito único de levar a vida, me ensinaram que a vida não tem graça sem ir às festas do interior kkk. Meu amigo Leandro Marinho, parceiro de muitas coreografias em tempos distantes, meu sincero agradecimento pela amizade, você é o cara. Um agradecimento especial, mas com muita saudade ao meu amigo José, que partiu, gostaria de compartilhar esse momento maravilhoso que tanto desejamos no início do curso, mas a vida infelizmente tem dessas, amo

demais meu amigo. Perto destas pessoas, a tristeza não existe, a vida é mais leve, engraçada, e vale muito a pena, amo demais todos vocês.

Aos meus amigos Daniel Victor e Luzia Lima que mesmo em períodos distintos, se fizeram tão presentes na minha formação, com a leveza da amizade, das piadas, dos segredos e fofocas, amo muito vocês.

O agradecimento mais que especial, a minha querida orientadora, Dra. Olivia, que acreditou em mim, na minha pesquisa e me deu o privilégio de ser sua orientanda, os conselhos e conversas nas orientações, abriram minha mente para seguir com nossa pesquisa, gratidão professora, admiro muito você e seu trabalho. Meu mais sincero agradecimento ao professor Antunes, que me encantou com sua didática e suas aulas, que davam medo às vezes, mas sempre saíamos com a cabeça doendo de tanta informação, foi um grande privilégio ser sua aluna.

Agradeço a Dra. Marina Grigório, que com seu jeito muito divertido, me ensinou que a docência vale muito à pena, e que os desafios não são o fim do mundo (para nós recém adultos dramáticos kkkkk), obrigada de verdade, a senhora foi um anjo no estágio. A Dra. Sariza, que pude me aproximar ao fim do curso, que contagia todos ao seu redor com seu jeito alegre e alto astral, obrigada pelas caronas para casa e para o dentista kkkkk tenho um carinho enorme por você.

Às mulheres entrevistadas, Nathalia Évora, Ismênia Fenelon e Ana Rosa Carvalho, obrigada pela confiança nesta pesquisa, uma grade abraço a cada uma de vocês.

INTRODUÇÃO

A lesbianidade, entendida como a vivência afetiva e/ou sexual entre mulheres, é uma categoria que transcende o campo da sexualidade e se insere em uma complexa rede de significados sociais, políticos e culturais. Historicamente, essa vivência foi invisibilizada, estigmatizada e hipersexualizada, sendo frequentemente reduzida a estereótipos ou apagada das narrativas oficiais. Como aponta Tânia Navarro Swain (2000), a lesbianidade carrega em sua construção histórica uma parcialidade não explícita, marcada por julgamentos morais e pela ausência de representações legítimas na esfera pública, essa invisibilidade contribui para a marginalização das mulheres lésbicas, afetando diretamente a forma como constroem suas identidades e se percebem no mundo.

Desse ponto de vista, este trabalho tem como objeto de estudo os impactos da lesbofobia, articulada à heteronormatividade, na construção das identidades de mulheres lésbicas egressas da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). A pesquisa foca em mulheres na faixa etária dos 25 aos 35 anos, buscando compreender como suas vivências cotidianas, acadêmicas, sociais e afetivas são atravessadas por processos de exclusão, resistência e afirmação identitária.

Para isso, propomos analisar as narrativas de vida dessas mulheres, com ênfase nos processos de autodescoberta de suas sexualidades e identidades de gênero, bem como nas imagens e autoimagens que performatizam na sociedade, busco também compreender como essas mulheres resistem às normas de feminilidade impostas, aos estigmas e ao fetichismo que permeiam suas existências.

A abordagem teórica que sustenta esta pesquisa parte de autoras que problematizam as relações de gênero, sexualidade e poder, propondo que o gênero é uma categoria de análise que permite compreender como as relações sociais são estruturadas por desigualdades e opressões. Judith Butler (2003, p.63) afirma que "o gênero é uma identidade tenuamente constituída no tempo, instituída em um espaço exterior através de um estilo repetido de atos." Além disso, os Estudos de Gênero e Sexualidade buscam desnaturalizar concepções tradicionais, promovendo uma compreensão mais inclusiva e equitativa das diversas formas de ser e amar, apoiando assim a construção de identidades que

resistem às imposições culturais e sociais. Ou seja, o gênero não é apenas uma identidade, mas uma tecnologia social que produz significados sobre o que é ser mulher e ser homem, estabelecendo hierarquias que inferiorizam as mulheres e, especialmente, aquelas que desafiam a heteronormatividade. (Butler, 2003).

Tânia Navarro-Swain (2010), ao discutir a heterossexualidade compulsória, utiliza os estudos de Adrienne Rich (1981) para afirmar que a hierarquização dos gêneros está diretamente ligada à imposição da heterossexualidade como norma, essa imposição afeta diversas esferas da vida social, desde o mercado de trabalho até as relações interpessoais, reforçando a valorização do gênero masculino em relação ao feminino. No caso das mulheres lésbicas, essa estrutura se manifesta de forma ainda mais violenta, pois suas identidades desafiam duplamente a norma, por serem mulheres e por não se conformarem à “lógica” heterossexual.

De acordo com Butler (2003), a lesbianidade pode ser entendida como uma experiência afetivo-sexual entre mulheres que desafia a estrutura heterossexual e revela a natureza construída das normas de gênero e sexualidade. Butler argumenta que o gênero não é uma essência natural, mas uma prática performativa, reforçada por ações e discursos que visam manter a consistência entre sexo, gênero e desejo. Nesse contexto, a lesbianidade quebra essa coerência ao mover o desejo para além da heteronormatividade, demonstrando que não há uma “verdade” natural sobre o desejo feminino, mas uma imposição social que pode ser desafiada.

Essa inversão possui um potencial político significativo. Ao expressar o desejo entre mulheres, a lesbianidade não apenas contesta a norma heterossexual, mas também coloca em xeque os mecanismos de poder que sustentam a supremacia masculina. Conforme ressalta Butler (2003), toda identidade é o efeito de práticas discursivas e, por isso, sujeita a deslocamentos e reinterpretações. Nesse sentido, a lesbianidade se configura como uma prática de resistência ao mostrar que as normas de gênero e sexualidade não são definitivas, mas sim áreas de conflito. A experiência lésbica, ao se afirmar, desconstrói a heterossexualidade obrigatória e possibilita a emergência de novas maneiras de ser, evidenciando que o desejo pode ser experienciado além dos limites estabelecidos pela norma.

A lesbofobia e a imposição de normas heteronormativas são fatores que podem influenciar negativamente a vida dessas mulheres, gerando exclusão, discriminação e dificuldades no processo de autoaceitação e pertencimento, sendo uma delas, a violência simbólica, que se manifesta de forma sutil e naturalizada, por meio de práticas discursivas, representações e normas sociais que reproduzem a dominação masculina.

O interesse por essa temática ganhou força após o assassinato de Luana Barbosa (CETRONE, 2026), mulher lésbica, negra e mãe, morta por policiais militares em Ribeirão Preto (SP) em um caso que permanece impune mesmo após oito anos, esse episódio evidencia como o lesbocídio e a lesbofobia são estruturais e normalizados na sociedade. Portanto, entende-se que a lesbofobia, articulada com a heteronormatividade, exerce um impacto profundo e duradouro na construção das identidades de mulheres lésbicas e esses impactos não são apenas individuais, mas estruturais, refletindo uma sociedade que marginaliza, invisibiliza e violenta essas mulheres.

A autoidentificação como mulher lésbica não ocorre em um vácuo social, ela é atravessada por discursos normativos que regulam o desejo, o corpo e a expressão de gênero, esse processo revela o peso da heteronormatividade como estrutura que molda não apenas comportamentos, mas também os próprios limites do que é possível desejar e ser.

A ausência de representações positivas de mulheres lésbicas na mídia, na educação e nos espaços públicos contribui para a sensação de isolamento e para a dificuldade de nomear a própria experiência. Nesse sentido, o conceito de representação será central para esta pesquisa. Stuart Hall (2003) afirma que a representação é constitutiva da identidade, pois é por meio dela que os sujeitos se reconhecem e são reconhecidos, quando essas representações são distorcidas, estigmatizadas ou inexistentes, o processo de autoidentificação torna-se mais doloroso e fragmentado.

Desse ponto de vista a representação se configura um processo pelo qual significados são produzidos e compartilhados socialmente, sendo fundamental para a construção das identidades. A representação não é um reflexo neutro da realidade, mas uma prática discursiva que organiza e distribui sentidos, moldando o modo como os sujeitos são vistos e como se veem (Hall, 2003). No caso das mulheres lésbicas egressas da UFNT, as representações

sociais que circulam sobre elas (marcadas por estigmas, silenciamentos e fetichizações) influenciam diretamente sua autoimagem, seus processos de autoidentificação e suas estratégias de resistência.

A autoidentificação é um dos processos constitutivos da formação da identidade, a qual, segundo Hall (2003, p.11) “é formada e transformada continuamente em relação às formas como somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos cercam” (2003, p. 11). Assim, compreender as representações das mulheres lésbicas é essencial para entender como elas constroem suas identidades em meio a discursos que as marginalizam ou invisibilizam. A análise das narrativas buscará revelar como essas mulheres negociam, contestam ou reafirmam essas representações, construindo narrativas próprias que desafiam os padrões normativos.

Além disso, o processo de autoidentificação está profundamente ligado à linguagem, pois nomear-se como lésbica é um ato político que desafia o silêncio imposto por séculos de marginalização, esse movimento de nomeação é fundamental para a construção de uma narrativa própria, que rompe com os discursos patologizantes ou fetichizantes que historicamente marcaram a lesbianidade.

É importante destacar que a autoidentificação não é um ponto de chegada, mas um processo contínuo, as mulheres lésbicas constroem suas identidades em diálogo com o mundo, com suas histórias e com outras mulheres e esse processo envolve dor, descoberta, resistência e, sobretudo, a busca por pertencimento. Ao reconhecer essas trajetórias como legítimas e complexas, esta pesquisa contribui para ampliar os horizontes de compreensão sobre o lesbianidade e para fortalecer a luta por representações mais justas e plurais.

A investigação sobre os impactos da lesbofobia na construção das identidades de mulheres lésbicas ingressas e egressas da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT) exige uma abordagem metodológica que seja sensível às complexidades dessas vivências, o ponto de partida da pesquisa é a formação das identidades dessas mulheres desde suas infâncias, compreendidas como construções sociais, históricas e discursivas, atravessadas por múltiplas camadas de opressão, resistência e representação.

A metodologia empregada neste estudo é a História Oral, focando nos processos de História de Vida, de acordo com a perspectiva de Alessandro

Portelli (1997). A história Oral permite acessar narrativas pessoais e coletivas, valorizando a memória, a subjetividade e os sentidos atribuídos às experiências vividas.

Portelli explica, que a “história oral, então, é a história dos eventos, história da memória e história da interpretação dos eventos através da memória. A memória, na verdade, não é um mero depósito de informações, mas um processo contínuo de elaboração e reconstrução de significado (1997, p.18).” Desse ponto de vista, essa metodologia é especialmente eficaz para investigar as trajetórias de mulheres lésbicas no ambiente acadêmico, uma vez que as reconhece como protagonistas de suas próprias histórias, mostrando como constroem suas identidades, enfrentam a lesbofobia e desafiam as normas heteronormativas. As narrativas orais serão examinadas como testemunhos contextualizados, refletindo tanto vivências pessoais quanto aspectos coletivos e estruturais da exclusão e resistência. Para Portelli:

O lugar em que a memória é elaborada é a mente do indivíduo, e a maneira pela qual acessamos é a narrativa individual. Sendo assim, os narradores assumem uma responsabilidade cada vez que relatam sua história. Devemos sempre nos lembrar disso: assim como o narrador tem a responsabilidade de contar, o historiador tem a responsabilidade de abrir um espaço narrativo, escutando ativamente o que o narrador tem a dizer (199, p.20).

Desse modo, as entrevistas serão mobilizadas como ambientes para a criação de significado, nos quais as participantes elaboram suas narrativas com base em suas experiências, afetos, silêncios e resistências e/ou através de suas memórias. Por fim, a metodologia adotada nesta pesquisa está comprometida com uma escuta crítica e situada, capaz de revelar os sentidos plurais e contraditórios que emergem das falas das participantes, reconhecendo-as como protagonistas de suas histórias e como agentes de transformação social.

Por fim, na realização dessa pesquisa realizamos quatro entrevistas gravadas com mulheres lésbicas ingressas e egressas da UFNT, buscando captar suas narrativas de vida, experiências acadêmicas e enfrentamentos cotidianos.

Lesbianidades e representação: infância, autoimagem e violência simbólica

A Lesbianidade surge no Brasil, como discussão política, por volta da década de 1980, a partir de movimentos de militância feminista. Porém, historicamente, em diversos meios, seja ele, social, político ou científico, a figura da mulher lésbica aparece de forma esporádica. Toledo (2007), ao realizar um conjunto dessa não visibilidade, afirma que mesmo com o surgimento de representações da homossexualidade, essa limitou-se a experiências dos homens gays, solidificando seu apagamento.

Dando início às reflexões das vivências das múltiplas lesbianidades, as narradoras que compõem minha pesquisa, foram entrevistadas por meio do procedimento da história de vida, sendo elas Nathalia Évora de 25 anos egressa do curso de licenciatura de Geografia, Ana Rosa Carvalho deegressa do curso de Química e Ismênia Fenelon de 32 anos egressa do curso de Biologia. São três mulheres lésbicas de faixas etárias distintas, inseridas em contextos familiares diversos, cuja trajetórias revelam experiências singulares e, ao mesmo tempo, pontos de convergência.

As narrativas tiveram início na infância, momento em que já se manifestaram os primeiros conflitos, percepções e construção identitária diante do olhar do outro. Nathalia Évora relata que sua trajetória dentro do mundo LGBTQIAPN+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros/Travestis, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais/Arromânticas/Agênero, Pansexuais/Polissexuais e Não-binárias, com o "+" abrangendo outras identidades), vem desde criança:

desde criancinha mesmo, porque minha mãe ela sempre "introduziu" esse mundo em nós, ela é uma pessoa muito livre, ela é uma pessoa muito tranquila com tudo, e aí, então, de certa forma eu sabia que talvez eu não teria problema em casa, porque desde pequena a tem interações com pessoas lésbicas, com homens gays, com pessoas trans, com drag, com tudo. Eu com 6 anos de idade tava vendo o pessoal se montar lá em casa, então sempre foi muito tranquilo dentro da nossa família". (Nathalia Évora, entrevista concedida em 28/10/2025).

A experiência de Nathalia Évora revela uma introdução tranquila ao universo LGBTQIAPN+, marcada pela convivência cotidiana com diferentes expressões de gênero e sexualidade dentro do espaço familiar, porém, essa naturalidade é tensionada pelo discurso materno, que, apesar de acolhedor, traz à tona o medo do mundo externo e sua crueldade em relação às lesbianidades.

Só que minha mãe, apesar dela ser muito tranquila, tem aquele negócio. Na minha família não. Aí depois ela veio explicar que ela tem

medo, né? A questão do medo. Porque a gente sabe o que acontece lá fora. No mundo ele é muito cruel, ele é muito perigoso pra gente. Então, eu fiquei com muito medo de como ela iria reagir, apesar de eu saber, eu ter dentro de mim que ela iria ser muito tranquila com isso.” (Nathalia Évora, entrevista concedida em 28/10/ 2025).

O contraste entre o ambiente doméstico de liberdade e a percepção social de perigo evidencia como a lesbofobia, assim como diferentes preconceitos enraizados socialmente, acaba por ser internalizado, mesmo em contextos familiares abertos, causando conflitos e/ou hesitação, que podem durar muitos anos e impedir que as lésbicas aceitem seus sentimentos em relação a outras mulheres, reforçando a ideia de que a autoimagem lésbica é constantemente negociada diante do olhar do outro. A base desses conflitos se encontra no medo das diferenças sexuais e das consequências materiais e simbólicas que podem surgir ao viverem a lesbianidade, sentimento que as narradoras compartilham em comum em suas trajetórias de vida.

Patrícia Lessa (2003), ao discutir sobre o apagamento das lesbianidades na história (acadêmica, cultural e social), aponta que “os registros da história não são, tanto marcas do passado, quanto são discursos produzidos e produtores da verdade. E, como tal, é um dentre muitos discursos a respeito do mundo”. (Lessa, 2003, p. 1). Ou seja, a invisibilidade lésbica é produto da construção histórica que diminui e diminuiu mulheres e suas vivências a objetos sexuais reprodutivos, atrelados a figura do homem, as lésbicas ao quebrar esse pacto heterossexual simbólico/ material, são marginalizadas.

A segunda narradora Ismênia Fenelon, narra sua infância e traz suas percepções sobre as figuras lésbicas presentes em sua vida, essa análise das pessoas ao seu redor, e a presença ou não de mulheres que se relacionavam com outras mulheres, moldou suas percepções e medos na fase da adolescência, quando o questionamento interno de sua sexualidade surge, marcada principalmente pela (in) visibilidade social. Diante deste cenário, a narradora aponta que:

havia figuras lésbicas na minha cidade desde a infância, só que não se tratava do assunto. Nunca se tratou do assunto, sabe? Então, eu lembro, por exemplo, de uma professora de educação física que era lésbica assumida, só que ninguém falava nada, sabe? Era meio que um assunto tabu, mas ela era uma das pessoas que tinha respeito. Entende? Uma pessoa de boa conduta social e tudo mais, e que não se via, pelo menos para mim, da minha visão de criança da época, eu

não via ela sendo desrespeitada pelos outros colegas, os demais colegas de trabalho e tudo mais, inclusive pelo meu próprio pai, que também é professor e que já trabalhou com ela, tem ela aí como uma colega de trabalho da época. (Ismênia Fenelon, entrevista concedida em 20/ 10/2025).

Ismênia, rememora a presença de figuras lésbicas em sua cidade desde a infância, como uma professora de educação física assumida, mas cuja identidade nunca era tematizada. O silêncio em torno da lesbianidade revela o caráter de tabu e reforça a invisibilidade simbólica. Nesse ponto, é oportuno mobilizar Hall (2016), que destaca que a representação cultural não se limita à presença, mas envolve também os discursos que a acompanham. A professora era respeitada, mas sua identidade não era discutida, mostrando como a lesbianidade pode ser tolerada desde que permaneça silenciada.

A hipótese que se levanta, pensando o apagamento ou a omissão das mulheres lésbicas em ambientes públicos, é que não apenas influencia a percepção no presente, mas pode moldar o futuro, ocasionando a falta de pertencimento aos meios sociais. Tânia Navarro (2010) afirma que “A regra geral é o silêncio: silenciar para melhor apagar, para melhor esquecer, para conjurar o perigo daquelas que escapam à norma de uma heterossexualidade tão natural e evidente”.

As lesbianidades, no discurso social, surgem ofuscadas ou negadas, acompanhadas de discursos e conotações geralmente negativas, pois a ausência de referências positivas na infância e adolescência e na vida adulta é outro ponto central, pois produzem um imaginário social que desvaloriza a figura da mulher lésbica. Natalia Évora traz em sua narrativa suas percepções sobre as lesbianidades e a falta de representatividade positiva em um contexto geral, ela aposta que:

Não, nenhuma. Nada. Eu tinha uma pessoa que não era uma boa referência, amiga da minha tia, mas por ser uma péssima referência, eu nem considerava. Boas referências, não tinha nada. Hoje em dia tem mais representatividade em todos os locais. Na época que eu tava crescendo, não tinha o que se tem hoje. Não tinha livros, séries, nada disso. O que tinha ainda era num sentido ruim. Eu sou do mundo *yuri*, leio, assisto, sou muito da leitura sáfica. Mas é sempre uma leitura oriental, porque o ocidental sempre faz coisas horríveis com as mulheres lésbicas. No passado, ou ela é trocada por um homem ou ela morre. Não existe outro destino. Por muito tempo, evitei até conhecer a visão do Oriente sobre uma mulher lésbica, que é diferente. É uma mulher normal, que trabalha, tem filhos, tem um futuro, uma empresa,

é médica... todos os tipos de profissões e vidas. O Oriente traz isso. Na Ásia, via Tailândia, um pouco da China também. O Ocidente, na época que eu era criança, só tinha acesso ao que estava em sessão. Na adolescência, o máximo de representatividade que consegui foi o filme “Azul é a Cor Mais Quente”, que é um filme horrível. E depois que você começa a pesquisar sobre ele, só piora. (Nathalia Évora, entrevista concedida em 28/10/ 2025)

Nathalia relata que não havia livros, séries ou filmes que representassem lésbicas de forma digna; ao contrário, as narrativas ocidentais frequentemente destinavam às personagens lésbicas a morte ou a “conversão” por um homem. Essa falta de representatividade reforça o apagamento histórico e conecta-se à análise de Hall (2016) sobre como a cultura molda identidades e expectativas sociais. O contraste com produções orientais, como o universo *yuri*, mostra como diferentes culturas constroem representações distintas da lesbianidade, oferecendo alternativas mais positivas e plurais. Nesse sentido, o discurso de Nathalia confirma o diagnóstico de Portinari (1989) sobre como a homossexualidade feminina foi marcada por estigmas e silenciamentos no Ocidente.

Essa invisibilidade, no entanto, não se limita à ausência de representações; ela também se manifesta em formas distorcidas de presença. Quando a lesbianidade emerge no imaginário social, muitas vezes o faz sob o olhar masculino, marcada por fetichização e erotização. Assim, o apagamento simbólico dá lugar a uma visibilidade controlada, onde a identidade lésbica é deslegitimada e convertida em objeto de desejo heteronormativo.

As narradoras apresentam um aspecto recorrente em seus relatos: a fetichização da lesbianidade, sob o olhar masculino, como destaca Natalia Évora narra:

Eu acho que é um momento muito clássico: um homem morrer de amor por uma lésbica, né? Gente, por quê? E eu tenho vários homens atrás de mim que sabem que eu sou sapatona. Por quê? É fetiche. É só fetiche. Que raiva, véi. Me deixa em paz. Inclusive amigos. Porque eu não sei se eles acham engraçado falar: “Quando tu quiseres experimentar, eu tô aqui.” Não, mas eu não quero. “Não, porque eu tô aqui disponível.” Eu não quero. E tipo assim, anos e anos oferecendo a mesma coisa. Anos, anos. Quanto tempo ele vai insistir até pensar que eu vou acordar um dia e querer um homem? Não quero. Não quero. Gente, eu sou lésbica. Eu gosto de mulher. Não quero um homem. Mas as pessoas não entendem isso. E eu não entendo por que eles aceitam gay, mas não aceitam lésbica. Porque gay tá tudo bem. É, já existe um respeito e um distanciamento. Mas a lésbica sempre... pra eles sempre existe ali uma possibilidade dela querer

voltar ao “original de fábrica”. Exatamente. Mas aí vem também a questão do homem e da mulher. Porque homem... homem, independente do... homem é homem. A sexualidade não é isenta do machismo e nem da misoginia, né? Você é mulher, você é lésbica e tanta minoria ao mesmo tempo, que a gente nem... nem o nosso computador de índice. A gente nem sabe qual que tá sofrendo naquele momento, né?” (Nathalia Évora, entrevista concedida em 28/10/ 2025).

Nathalia denuncia a insistência de homens em oferecer-se para lésbicas, revelando uma lógica de desejo masculino que deslegitima a identidade lésbica e a reduz a objeto de fantasia. Essa prática pode ser compreendida como uma forma de dominação simbólica (Bourdieu, 1999), na medida em que nega a autonomia da sexualidade feminina e a interpreta como passível de “correção”. Como aponta Navarro-Swain (2000), a lesbianidade é frequentemente invisibilizada ou reduzida ao olhar masculino, reforçando a heterossexualidade compulsória e a misoginia.

Se, por um lado, a infância e juventude das narradoras revelam os impactos da invisibilidade, da heteronormatividade e da violência simbólica na construção de suas identidades, por outro, é na vida adulta que essas experiências se desdobram em enfrentamentos cotidianos, negociações de pertencimento e afirmações políticas. A partir daqui, suas trajetórias passam a evidenciar como ser lésbica não se limita à orientação sexual, mas envolve práticas sociais, escolhas estéticas, relações afetivas e enfrentamento de estereótipos que ainda persistem. É nesse movimento que emergem os relatos sobre aceitação, visibilidade e os desafios de viver a lesbianidade em uma sociedade que insiste em normatizar corpos e afetos.

Desde cedo, seus corpos, gestos e comportamentos foram interpretados sob o crivo da heteronormatividade, da misoginia e da expectativa social de conformidade. Essas experiências não apenas evidenciam os efeitos da violência simbólica e da imposição de estereótipos, como também mostram o impacto da performatividade de gênero na construção subjetiva. Ao revisitarem suas trajetórias, ambas expõem os conflitos entre o que sentiam internamente e o que lhes era projetado externamente, abrindo espaço para refletir sobre os processos de resistência, negação e posterior afirmação identitária que marcam suas vidas.

Mas eu sou aquela criancinha que todo mundo disse que era sapatão desde pequena. Todo mundo sempre falou, mesmo o que eu considero errado. Mesmo eu sendo criança. Porque uma criança, eu penso que uma criança não tem que pensar nisso. Criança tem que brincar, tem criança que tem que estudar. Só na fase adulta que a pessoa, se quiser, vai pensar nisso. Eu sempre achei muito errado você imputar a sexualidade em uma criança. E aí...Eu passei por isso e aí teve um tempo que eu peguei raiva, né? Porque se você empurra muito uma coisa numa criança, ela vai pegar raiva disso. Então, eu não queria. Não queria de jeito nenhum. O povo falava, tu é sapa? Eu não sou. Não sou, não sou, não sou. Só pra fazer raiva. Mesmo que eu sempre soubesse que eu era assim. " (Nathalia Évora, entrevista concedida em 28/10/ 2025).

O relato de Ismênia traz a questão dos trejeitos masculinos desde a infância (voz grossa, pelos no corpo, modo de andar) que foram socialmente interpretados como marcadores de identidade, ela declara que:

Eu cheguei a presenciar isso comigo também, porque eu sempre tive um... eu sempre tive trejeitos masculinos desde pequena. Desde pequena era voz grossa, desde pequena era uma grande quantidade de pelos no corpo. Puxei pra ele, que é quase um urso. Desde pequena, o meu andado é o andado do meu pai, purinho. E talvez por eu ter sido criada por ele, não pela minha mãe, então eu sempre vi ele como um espelho. Então, variadas coisas que ele fazia, eu também fazia. Inclusive, a forma de dar aula hoje, que hoje eu sou professora, e a forma que eu dou aula hoje. Eu me vejo muito na conduta dele. na forma como ele dava aula, entende? Então, tem muito isso. (Ismênia Fenelon, entrevista concedida em 20/ 10/2025).

Essa experiência mostra como o corpo e os gestos são lidos sob códigos normativos, reforçando a ideia de que o gênero é construído e constantemente regulado pelo olhar social. Aqui, a teoria da performatividade de gênero (Butler, 2003) é fundamental: "o gênero não é essência, mas repetição de atos que produzem efeitos de verdade". Ismênia, ao se identificar com o pai e reproduzir seus modos de ser, evidencia como a construção identitária se dá na relação com modelos familiares e sociais.

Na época me afetou em relação a comentários que eu ouvia dos colegas. Que eram comentários não legais. Tipo, ah, macho-fêmea. Eu tive muito esse apelido de macho-fêmea. Isso era o que me incomodava pra caramba. Entende? (Ismênia Fenelon, entrevista concedida em 20/ 10/2025).

As narrativas de Nathalia Évora e Ismênia revelam como a infância é atravessada por leituras normativas que antecipam e moldam identidades de gênero e sexualidade antes mesmo que os sujeitos possam compreendê-las plenamente. Ao mesmo tempo, essa leitura social de seus trejeitos pode ser vista como uma forma de violência simbólica (Bourdieu, 1999), pois impõe

significados e expectativas sobre seu corpo, independentemente de sua própria vivência. A associação automática entre masculinidade e lesbianidade reforça estigmas e limita a possibilidade de uma autoimagem livre de preconceitos. Nesse ponto, também se conecta com Navarro-Swain (2012), ao mostrar como a heterossexualidade compulsória opera: qualquer desvio dos padrões de feminilidade é interpretado como sinal de lesbianidade, mesmo sem que a própria pessoa tenha se afirmado nesse sentido.

Se os relatos de Nathalia Évora e Ismênia revelam como a infância é atravessada por leituras normativas que antecipam e moldam identidades, o percurso de Ana Rosa evidencia como a revelação da identidade na adolescência pode ser marcada por rupturas e violências. O relato de Ana Rosa é marcado por um episódio traumático: o momento em que revela sua identidade à mãe, que reage com controle e repressão. A retirada da escola, a proibição de contato com a namorada e a vigilância constante mostram como a família pode ser espaço de imposição da norma heterossexual. Esse episódio evidencia a força da heterossexualidade compulsória (Navarro-Swain, 2012), que atua como mecanismo disciplinador, restringindo a autonomia.

uma vez, minha mãe foi me buscar. E aí, nesse dia, ela... E era 20 minutos do lugar onde a gente estava até a nossa casa. Até o nosso bairro, na verdade. E aí, ela me perguntou o que que era, se eu era lésbica, o que que era. Aí, eu falei pra ela o que era nesse dia. E esse dia é o dia marco, assim, o dia T da minha vida. Foi o dia que, depois disso, foi tudo só pra trás, assim. E aí, se eu tivesse um pouquinho só de maturidade, eu nunca teria falado pra ela nesse momento. E aí, eu falo hoje, gente, não é bom sair do armário desse jeito. Não é, sabe? Porque pode ser muito violento. E foi exatamente isso que aconteceu. Minha mãe, por ser muito controladora, ela tão... Usava, né? Esse controle que ela tinha, esse negócio de ser mãe. em cima. Então, o outro dia ela já me tirou da escola, ela me proibia falar com a namorada, eu fugia de casa pra ir pra academia, duas horas da tarde, chegava meia-noite, né? Então, acontecia essas coisas, assim. (Ana Rosa, entrevista concedida em 28/10/2025).

A experiência de Ana Rosa também pode ser lida à luz da violência simbólica (Bourdieu, 1999), pois a repressão materna não se apresenta como violência física, mas como imposição de práticas de controle que naturalizam a exclusão da lesbianidade. Além disso, o relato mostra como a saída do armário pode ser vivida como experiência violenta, dependendo do contexto, reforçando

a necessidade de compreender o processo de assumir-se como profundamente relacional e marcado por estruturas de poder.

. Contudo, sua trajetória foi marcada pelo controle materno, que limitava sua autonomia e culminou em uma experiência violenta de “sair do armário”. Ao revelar sua identidade à mãe, Ana Rosa enfrentou punições, vigilância e isolamento, mostrando como a heteronormatividade se impõe como norma disciplinadora. Esse relato evidencia a força da violência simbólica (Bourdieu, 1999), que atua não apenas pela exclusão, mas também pela imposição de práticas de controle e repressão.

Por fim, o trauma narrado por Ana Rosa conecta-se com a discussão de Portinari (1989) sobre o discurso da homossexualidade feminina, que historicamente foi atravessado por estigmas e silenciamentos. A reação materna revela como esses discursos ainda operam no cotidiano, produzindo dor e exclusão, mas também a força da violência simbólica que se manifesta em práticas cotidianas de exclusão e vigilância.

Em síntese, as entrevistas revelam que a lesbianidade, mesmo quando vivida em ambientes familiares acolhedores, é atravessada por violência simbólica (Bourdieu, 1999), heterossexualidade compulsória (Navarro-Swain, 2012) e fetichização masculina. A ausência de representações positivas (Hall, 2016; Portinari, 1989) reforça o apagamento histórico, mas também abre espaço para que as narradoras construam suas identidades em resistência, subvertendo normas e criando novas formas de visibilidade. Nesse processo, a performatividade de gênero (Butler, 2003) aparece como chave para compreender como os corpos e gestos são interpretados, regulados e, ao mesmo tempo, ressignificados pelas próprias experiências das mulheres lésbicas.

Mais do que conceitos acadêmicos, esses relatos nos lembram que ser lésbica é viver em constante negociação entre o que a sociedade impõe e o que escolhemos afirmar. É carregar marcas de silenciamento e, ao mesmo tempo, inventar linguagens próprias para existir. É enfrentar estereótipos, mas também criar redes de afeto, solidariedade e pertencimento que sustentam nossas trajetórias. Ao narrar suas vivências, essas mulheres não apenas denunciam as

violências que atravessam seus corpos e desejos, mas também afirmam a potência de uma identidade que insiste em se fazer visível, mesmo diante das tentativas de apagamento.

Trajetórias Lésbicas: entre memória e resistência.

Aderienne Rich (1981), visibilizou as mulheres lésbicas ao apresentar o termo heterossexualidade compulsória, caracterizando a heterossexualidade como uma construção política que objetiva a submissão dos corpos femininos, para a posse do homem. Assim, compreender que o homem está no centro da sociedade possibilita compreender que o que resta as mulheres é a função e servir as demandas destes, ocupando o papel que a elas é designado, esposa e mãe. (Navarro-Swain), 2010, RICH, 1981).

A compreensão da heterossexualidade como construção política, conforme apontam Rich (1981) e Navarro-Swain (2010), permite observar como os discursos normativos atravessam as experiências individuais, mesmo em contextos aparentemente acolhedores. É nesse entrelaçamento entre estrutura e vivência que se insere o relato de Nathalia Évora, cuja trajetória revela os limites e tensões da convivência familiar diante da lesbianidade.

A experiência de Nathalia Évora revela uma introdução tranquila ao universo LGBTQIAPN+, marcada pela convivência cotidiana com diferentes expressões de gênero e sexualidade dentro do espaço familiar, porém, essa naturalidade é tensionada pelo discurso materno, que, apesar de acolhedor, traz à tona o medo do mundo externo e sua crueldade em relação às lesbianidades.

Só que minha mãe, apesar de ela ser muito tranquila, tem aquele negócio. Na minha família não. Aí depois ela veio explicar que ela tem medo, né? A questão do medo. Porque a gente sabe o que acontece lá fora. No mundo ele é muito cruel, ele é muito perigoso pra gente. Então, eu fiquei com muito medo de como ela iria reagir, apesar de eu saber, eu ter dentro de mim que ela iria ser muito tranquila com isso. (Nathalia Évora, entrevista concedida em 28/10/ 2025).

O contraste entre o ambiente doméstico de liberdade e a percepção social de perigo evidencia como a violência simbólica se infiltra mesmo em contextos familiares abertos, produzindo hesitação no processo de assumir-se e

reforçando a ideia de que a autoimagem lésbica é constantemente negociada diante do olhar do outro. Ainda que o ambiente doméstico tenha oferecido certa abertura à diversidade, Nathalia também vivenciou imposições estéticas e comportamentais que evidenciam como a normatividade de gênero opera silenciosamente. A resistência, nesse caso, não se dá apenas em grandes gestos, mas nas pequenas escolhas cotidianas — como vestir-se, ocupar espaços e afirmar-se diante de olhares que insistem em negar sua legitimidade

Nathalia, por exemplo, relata uma convivência cotidiana com diferentes expressões de gênero e sexualidade dentro do espaço familiar, o que lhe proporcionou uma introdução tranquila ao universo LGBTQIAPN+. Essa experiência, no entanto, é tensionada pelo discurso materno, que, apesar de acolhedor, traz à tona o medo do mundo externo e sua crueldade em relação às lesbianidades. Aqui se evidencia como a violência simbólica se infiltra mesmo em contextos familiares abertos, internalizando o risco e produzindo hesitação no processo de assumir-se. Essa dinâmica conecta-se à noção de heterossexualidade compulsória (Navarro-Swain, 2012), que, mesmo diante de ambientes plurais, continua a operar como norma reguladora.

Outro tema bastante recorrente nas narrativas, são os padrões de aparência e comportamento tradicionalmente designados às mulheres e que determina, socialmente, o que é feminilidade.

Sempre fui do estilo masculino, acho que sempre combinou mais comigo. São processos, né? Na infância eu era obrigada a usar vestido, não tinha muita escolha. A família colocava: “Você vai usar vestido, porque você é menina.” Chegou o momento da adolescência em que você toma um pouco mais de liberdade. Comecei a pensar sobre estilos, roupas. Queria me dar bem no estilo feminino. Tenho uma vontade muito grande de me dar bem no estilo feminino. Mas não fica bom. Fica muito esquisito. Também não tenho raiva do meu estilo masculino. Só queria me dar bem nos dois. Não tenho essa flexibilidade. Não dá certo. Tive uma época em que pensei: “Não vou me vestir de menino, não quero parecer menino.” Mas o feminino não fica bom, não quero parecer menino, e fico perdida ali no meio. Não sabe o que faz. Tenta criar alguma coisa e não fica bom. O que me libertou foi a faculdade. Passei metade da faculdade online, também sou do período da pandemia. Depois, quando voltou, ninguém tava se importando com nada. Ninguém tava nem aí pra como você tava vestido. (Nathalia Évora, entrevista concedida em 28/10/ 2025).

As expectativas de gênero, a partir deste discurso atribuído às mulheres, alegando a falta de feminilidade, faz com que atribuam uma certa

‘masculinidade’” irreal as mulheres lésbicas, pensamentos esses que são arcaicos e aprisionantes. ‘A conformidade ou não a esses papéis de gênero define como as lésbicas serão vistas socialmente, e aquelas que transgridam e/ou rejeitam essas noções tradicionais são classificadas como masculinas (Almeida; Heilborn, 2008; Toledo; Teixeira Filho, 2010). Ismênia e Ana Rosa frisam como a universidade contribuiu para sua trajetória em relação a sua identidade:

A faculdade foi um divisor de águas. Apesar do medo, comecei a compreender melhor quem eu era e a aceitar minha identidade. (Ismênia Fenelon, entrevista concedida em 20/ 10/2025).

Engajei-me no movimento estudantil em Araguaína e comecei a lutar por causas políticas, incluindo as LGBT. Construí minha identidade pública como ‘Ana Rosa Sapatão’, afirmando minha sexualidade de forma visível e política. (Ana Rosa, entrevista concedida em 28/10/2025).

Se a trajetória de Ismênia revela o papel da educação como espaço de descoberta e acolhimento, mesmo diante do medo inicial, o percurso de Ana Rosa mostra como a afirmação identitária pode se transformar em ação política. A partir do engajamento no movimento estudantil, Ana Rosa ressignifica sua vivência lésbica, assumindo publicamente sua sexualidade e transformando-a em bandeira de luta. O que antes era motivo de repressão e vigilância familiar, torna-se agora uma identidade visível, nomeada e reivindicada: “Ana Rosa Sapatão”. Essa virada evidencia como o processo de aceitação não se limita ao íntimo, mas se projeta no coletivo, tornando-se resistência e construção de pertencimento.

Essa passagem da afirmação pública para os enfrentamentos íntimos revela que o processo de se assumir não é linear, tampouco isento de contradições. Se por um lado há força na militância e na visibilidade, por outro, persistem os medos silenciosos, especialmente diante de vínculos afetivos marcados por religiosidade, tradição e expectativa. É nesse contexto, entre o desejo de ser plenamente reconhecida e o receio da rejeição que se inscreve o relato de Nathalia Évora, cuja vivência expõe os desafios emocionais de se revelar a quem mais se ama.

eu fiquei com muito medo de como ela iria reagir, apesar de eu saber, eu ter dentro de mim que ela iria ser muito tranquila com isso. Então, eu demorei um pouco a me assumir, né? Porque eu ainda acho que essa questão de se assumir é muito... Ano passado, né? A gente não tinha que passar por isso. Mas o meu medo de me assumir, para além da minha mãe, o meu maior medo era minha melhor amiga. Porque eu tinha uma amiga, minha melhor amiga até hoje. que ela era muito cristã. E aí eu tinha muito medo. Então, por muitos e muitos tempos, eu realmente me escondi de tudo e de todos.” Aí, aconteceu isso. Aí, me assumi mesmo, assim. Fui lá na adolescência. 16, 17 anos. E aí a questão de me assumir pra minha família... Não precisou, né? Todo mundo já sabia. Não precisou. Aí eu só tive uma conversa bem tranquila com a minha mãe um dia. Só eu não, mas assim... Sabe, né? Ela... Não, eu sei. E foi isso. E partiu disso, mas assim... A parte mais difícil foi a minha avó. Porque a minha avó ainda tinha um pensamento muito arcaico. Minha avó, com o tempo, ela foi melhorando. Mas a minha avó...Ela é aquela pessoa criada dentro do... Dentro do racismo, dentro do... De tudo que é ruim, né? Todos os tipos de preconceito. Então, ela tem dentro dela que errado. E ela tentou me consertar muitas vezes. Na infância também, já fui exorcizada, já passei por diversos tipos de...Dessas coisas que o povo tenta curar a gente. E aí...foi chegando...A minha avó, com o tempo, ela foi melhorando. Ela foi aceitando que... não tinha o que fazer. Era isso e era isso. (Nathalia Évora, entrevista concedida em 28/10/ 2025)

Assim como Nathalia, Ismênia também enfrentou o desafio de afirmar sua identidade em meio a expectativas familiares e sociais. Seu relato, marcado por medo e hesitação, revela como o processo de descoberta e aceitação é atravessado por sentimentos ambíguos, especialmente quando o afeto se mistura à ameaça de rejeição.

no início da adolescência, quando a gente começa a sentir coisas diferentes do que as outras meninas sentiam, você começa a ter medo. O primeiro sentimento, no meu caso, foi o sentimento de medo. Sentimento de medo de ser excluída pela minha família, porque eu sabia como que era o meu pai em relação aos meninos. Então, por que ele iria ser diferente comigo? Então, essa parte inicial foi muito uma parte de cara, eu não posso ser isso. Eu não posso ser assim, eu não posso ser diferente. Se eu for, meu pai nunca vai me aceitar, meu pai vai me expulsar de casa. Antes ele vai me dar uma coça até quase me matar e depois vai me expulsar de casa. Então como que vai ser minha vida depois disso? Então tem...o medo rodeava desde sempre, sabe? ‘No finalzinho do ensino médio, acho que eu tava no terceiro ano do ensino médio, foi quando aconteceu o primeiro beijo em uma menina. E quando aconteceu, eu tava na casa da menina, e a gente se flertava já por um bom tempo, eu ia pra casa dela e a gente ficava se flertando, mas ninguém tinha coragem de nada. Sabe? Era aquele lance muito, eu sei o que você quer, você sabe o que eu quero, mas ninguém dá o primeiro passo. Elas vão sentar na cama conversando uma com a cara da outra, sabe? Muito adolescente. E aí quando aconteceu, ela me puxou por beijo. Eu saí da casa dela desesperada. E aí eu saí e fui pra casa da amiga minha. E é muito interessante essa parte. Porque é a parte que...Eu saio da posição de pecadora para a posição de ridícula, que eu sou colocada pela minha melhor amiga. Porque eu saio da casa da menina desesperada e vou pra casa da minha amiga pra tentar desabafar e tentar me entender também toda a situação, né? E eu chego lá chorando e tal, e aí minha amiga começa a se acabar de sorrir

de mim. Eu lembro que a gente tava no quintal, o quintal cheio de varal passando por lá e pra cá do muro, e eu segurada num varal aqui, num varal, e ela segurada no outro varal. E eu me acabando de chorar aqui, segurada e tal. Ai, amiga, eu pequei, não sei o quê. E a frase, muito forte, né? Eu pequei. E aí, ela se acabando de sorrir. E eu fui ficando emputecida com a situação. Eu, cara, eu tô aqui... Agoniada, querendo te contar um negócio, sem coragem de contar, tu tá sorrindo de mim. Ela, mano, relaxa. Conta, o que que aconteceu? Eu não consigo te falar. Aí ela, mano, beijou uma mulher, não foi? Aí eu... Como é que você sabe? É idiota, né? Como é que você sabe? Ela... Relaxa, mana. Eu também, tá tudo bem. (Ismênia Fenelon, entrevista concedida em 20/ 10/2025).

A leveza do acolhimento entre amigas, mesmo diante do medo inicial, contrasta com outras trajetórias marcadas por dor e fuga. Se para algumas o reconhecimento vem acompanhado de alívio, para outras, o processo de assumir-se desencadeia rupturas internas e externas. É nesse intervalo entre o desejo de liberdade e o peso da repressão que se inscreve a vivência de Ana Rosa, cuja experiência revela como o silenciamento pode se transformar em autossabotagem e vícios, numa tentativa de lidar com o que não pôde ser dito.

[...] acho que foi 2006, se eu não me engano. E aí foi, passou e eu comecei a beber, então comecei a fumar, comecei a fumar maconha, né? Gosto até hoje, né? Sou adepta aí. Canabinoide, maconheira, vulgo maconheira, como eu gosto de dizer. E isso, sim. Então, a partir disso, eu entendo que foi esse momento que eu desencadeei várias coisas, assim, de forma... vários vícios, várias coisas que talvez poderiam ser evitadas. Poderiam ser evitadas, né? Não poderiam ser um pouquinho mais evitadas, mas poderiam ser evitadas. Ou não, né? Mas não sei. Não sei. Sei que foi assim. (Ana Rosa, entrevista concedida em 28/10/2025).

Contudo, sua trajetória foi marcada pelo controle materno, que limitava sua autonomia e culminou em uma experiência violenta de “sair do armário”. Ao revelar sua identidade à mãe, Ana Rosa enfrentou punições, vigilância e isolamento, mostrando como a heteronormatividade se impõe como norma disciplinadora. Esse relato evidencia a força da violência simbólica (Bourdieu, 1999), que atua não apenas pela exclusão, mas também pela imposição de práticas de controle e repressão.

A partir dessas narrativas, torna-se evidente que a lesbianidade não se constrói apenas na dimensão do desejo, mas também na resistência aos discursos que tentam silenciá-la. As trajetórias de Nathalia, Ismênia e Ana Rosa revelam que afirmar-se lésbica é, antes de tudo, um gesto político, uma forma

de existir que desafia normas, reivindica espaço e ressignifica o próprio corpo diante da sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das narrativas de mulheres lésbicas egressas da Universidade Federal do Norte do Tocantins revelou que a construção de suas identidades é atravessada por múltiplas camadas de opressão, resistência e afirmação. A infância e a juventude surgem como momentos decisivos, nos quais a ausência de representações positivas, o silêncio social e a heterossexualidade compulsória moldam percepções e dificultam processos de autoidentificação. Ao mesmo tempo, essas trajetórias evidenciam que, mesmo diante da violência simbólica e da invisibilidade, as mulheres lésbicas constroem estratégias de resistência e afirmam suas existências em espaços acadêmicos, familiares e sociais.

Esta pesquisa, ao analisar e refletir sobre as vivências lésbicas plurais, constatou que não há uma identidade lésbica fechada e única, mas sim experiências múltiplas de vida que foram atravessadas por diversas questões sociais, familiares e identitárias. Pensar essas narrativas por meio da perspectiva da história oral com procedimentos em história de vida, mostrou -se importante no reconhecimento dos distintos sistemas de opressão que categorizam corpos lésbicos como divergentes. O ponto comum entre as lesbianidades plurais, é a resistência aos regulamentos heteronormativos.

As entrevistas demonstraram que a lesbofobia não se restringe a práticas explícitas de discriminação, mas se manifesta também em formas sutis de apagamento, silenciamento e fetichização. Esses mecanismos reforçam a dominação masculina e a marginalização das lesbianidades, mas também revelam seu potencial político como prática de subversão e contestação das normas heteronormativas. Nesse sentido, a identidade lésbica não é apenas uma categoria de orientação sexual, mas um campo de disputa simbólica e cultural, no qual se produzem novas formas de visibilidade e pertencimento.

A pesquisa verifica que a representação cultural é central para a construção das identidades. A ausência de referências positivas e a presença de discursos estigmatizantes dificultam o reconhecimento de si e dos pares, mas também impulsionam a criação de narrativas próprias, capazes de desafiar os

padrões normativos. Ao nomear-se como lésbicas, as participantes reafirmam sua autonomia e inscrevem suas histórias em um campo de luta por reconhecimento e justiça social.

Por fim, este trabalho contribui para ampliar os horizontes de compreensão sobre as experiências lésbicas no contexto acadêmico e social, pois a produção acadêmica é, também, uma ferramenta política, evidenciando que suas trajetórias não podem ser reduzidas ao silêncio ou ao estigma. Ao contrário, elas revelam práticas de resistência, solidariedade e afirmação que desafiam a heteronormatividade e apontam para a necessidade de representações mais plurais e inclusivas. Reconhecer e valorizar essas narrativas é um passo fundamental que pode possibilitar um rompimento nas estruturas que aprisionam afetos e existências.

Referências bibliográficas:

ALVES, R. L. V.; ALVES, B. E. R.; FERREIRA, D. T. P. **(R)Existência lésbica: entre conceitos, panoramas e percursos**. Rebeh, Redenção, v. 2, n. 4, p. 103–107, 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/3eu5KbY>>. Acesso em: 8 out. 2024.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CETRONE, Camila. **Caso Luana Barbosa: 10 anos depois, Justiça de SP marca julgamento de policiais acusados de matar mulher lésbica**. Marie Claire, São Paulo, 6 jun. 2026. Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/violencia-de-genero/noticia/2026/06/caso-luana-barbosa-10-anos-depois-justica-de-sp-marca-julgamento-de-policiais-acusados-de-matar-mulher-lesbica.ghtml>. Acesso em: 3 jul. 2026.

FALQUET, Jules. **Romper o tabu da heterossexualidade: contribuições da lesbianidade como movimento social e teoria política**. Cadernos de Crítica Feminista, Recife, v. 6, n. 5, p. 8–31, 2012. Disponível em: <<https://bit.ly/3xYHrAL>>. Acesso em: 4 nov. 2024.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; Apicuri, 2016.

LESSA, Patrícia. **O que a história não diz: não existiu, a lesbianidade em interfaces com o feminismo e a história das mulheres**. Em tempo de histórias, Brasília, DF, n. 7, p. 1–8, 2003. Disponível em: <<https://bit.ly/2Tw3vUJ>>. Acesso em: 16 nov. 2024.

NAVARRO-SWAIN, Tânia. **Feminismo e lesbianismo: a identidade em questão**. Cadernos Pagu, Campinas, n. 12, p. 109–120, 1999. Disponível em: <<https://bit.ly/3y20kZA>>. Acesso em: 25 nov. 2024.

NAVARRO-SWAIN, Tânia. **O que é lesbianismo**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

NAVARRO-SWAIN, Tânia. **Desfazendo o “natural”: a heterossexualidade compulsória e continuum lésbico**. Bagoas: estudos gays, gêneros e sexualidades, Natal, v. 4, n. 5, p. 45–55, 2010. Disponível em: <<https://bit.ly/3qxH796>>. Acesso em: 6 out. 2025.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

PORTINARI, Denise. **O discurso da homossexualidade feminina**. São Paulo: Brasiliense, 1989.